



LOBATO, Lúcia Fernandes. "Adeus não, até breve". Salvador: PPGAC-UFBA; professora associada.

### **Resumo**

A autora argumenta que a dança contemporânea está mergulhada na anomia e enraizada em valores éticos e estéticos naufragados. Considera que novas proposições ainda não se apresentaram ou não foram captadas pelos artistas da dança. Indica que a traição à dança é a possibilidade de superar esse impasse e reconhece o corpo como traidor por excelência, e único capaz de promover o acontecimento e o devir da dança.

Palavras-chave: Dança, anomia, traição.

### **Résumé**

L'auteur développe l'argument que la danse contemporaine est plongé dans l'anomie et a pris racine en valeurs éthiques et esthétiques naufragés. On considère que les nouvelles propositions n'ont pas encore été présentés ou n'ont pas été captés par les artistes de la danse. L'article indique que la trahison à la danse est la possibilité de surmonter cette impasse et reconnaît le corps comme traître par excellence, et l'unique capable de la promotion de l'événement et du devenir de La danse.

Mots-clés: Dance, anomie, trahison.

\*\*\*

### **Adeus não, até breve!**

Uma visão determinista e temporal da História vem sendo superada por uma perspectiva desconstrutiva dos paradigmas da tradição. A revelação do passado, a partir de feitos imemoráveis e das grandes narrativas, se mostra inapropriada para nos situar no presente, ou mesmo para nos apontar sobre alguma previsibilidade futura. A incontestável instabilidade na qual movemos a insustentável leveza de nossos corpos, sempre em risco, nos alerta que um modo antigo e instituído de fazer as coisas está decididamente exaurido.

A vida não é linear. Os modelos não se sucedem, nem se extinguem. Têm, digamos, uma sobrevida e se inter-relacionam através de suas diferenças

em oposição e em distintas temporalidades. Os fenômenos não têm um começo definido nem fim determinado, têm sim antecedentes e consequentes que lhes dão consistência e lhes tornam compreensíveis. Nesse sentido a proposta de falar de memória, é falar em presente, é falar de resultado, é falar de acontecimento.

Temos gasto um tempo enorme discutindo e tentando delimitar os sistemas históricos e temporais da dança. O *ballet* é isso, a dança moderna é aquilo, a pós-moderna é assim, a contemporânea é assada, a dança popular é aquela que está nas ruas e assim por diante. Dessa forma vamos estabelecendo limites e fronteiras. Mas diante da instabilidade e da incredulidade num valor central de referência e verdade, não há como reivindicar qualquer autoridade que ponha termo a questão. Querer estabelecer hierarquias a partir de algum padrão de superioridade técnica ou estética, também será uma tentativa sem sustentabilidade.

Nesse sentido, considero que o fenômeno é a dança, seja ela qual for. E ela é apenas uma faceta, como tantas outras, de manter em aberto o debate, o jogo e perceber as sensações humanas em perspectiva. O importante é que a contemporaneidade não reduz a dança a mais outra referência que por sua vez se extingue em si. O que deve ser compreendido como o contemporâneo na dança é sim o inédito esforço de desconstruir os fetiches Clássicos e Modernos que a aprisionam a um propósito pré-determinado, ao discurso fixado em significados interpretativos em busca de validação, às tentativas de conformação a uma estética própria demarcada por contornos desejáveis e apenas aprimorado pelas tecnologias possíveis.

Considero que o desafio da dança hoje é provocar o interesse e integrar o espectador no jogo das diferenças proporcionado por artistas e coreógrafos. Despertar para os distintos processos de sua criação, nas descobertas de suas proposições em conflito e suas repercussões. É, sobretudo, deixar de ser um *afair* dos pesquisadores e curiosos das tecnologias da construção da cena. A dança precisa corresponder aos anseios dos simples mortais que geralmente saem pouco animados dos atuais espetáculos.

Mas tudo indica que a dança também está mergulhada na anomia dos nossos tempos. Suas atuais formulações não correspondem aos anseios do espectador, porque está enraizada em valores éticos e estéticos naufragados. Novas proposições ainda não se apresentaram, ou não foram captáveis pelos mais sensíveis artistas da dança. Por isso repetimos, repetimos e repetimos...

Nesta crise anômica dançarinos e coreógrafos usam enlouquecedoramente do sucesso fácil dos efeitos especiais, dos recursos transdisciplinares e tantas outras alegorias que cada vez mais afasta a dança da aventura do jogo, da alteridade e do risco. É preciso desconfiar do movimento alcançado pelo exercício constante e exaustivo de alguma técnica que o legitimou e assumir a pretensão do movimento com a audácia de dispensar a validação de algum padrão reconhecido.

Esse é o desafio e ao mesmo tempo o desconforto. Talvez agora dançarinos e coreógrafos tenham sido colocados frente a frente com o dilema do seu corpo. Não há receita certa. Não há como encontrar a fórmula a ser seguida com garantia de sucesso, mesmo porque na anomia não há um padrão de reconhecimento que, por sua vez, não esteja também passando pelo descrédito.

Tudo isso quer dizer que a dança já não se sustenta pela velha dicotomia: técnica e criação. Agora a questão está situada na sua própria genealogia que exige abandonar os paradigmas que a conformaram e tentar dar espaço para que outra escritura da dança possa acontecer. Isso não significa desconsiderar ou se despir de toda a tradição clássica e moderna. Isso nem é possível porque é a nossa memória encarnada no corpo, no movimento, no gosto e no sentir de cada um de nós. Somos seus resultados.

A questão começa por compreender que estamos superinformados, superconsumidos, supertecnológicos, supercríticos, superdançarinos e supercoreógrafos. Somos super, chegamos ao “superlugar”. E daí? Talvez tenha chegado a hora de nos desintoxicar. Provavelmente este é o momento de procurar o antídoto capaz de nos dar um novo oxigênio. Não se trata de condenar essas estruturas, muito pelo contrário, precisamos delas para descobrir onde está o veneno para que sejamos capazes de perceber as possibilidades de criar as brechas para entrar um novo ar para os nossos corpos dançantes.

Acredito que um primeiro passo é admitir incorporar na dialógica do corpo os princípios da incoerência, da contradição, da diferença e da alteridade, entre outras noções que eram condenadas no pensamento moderno que vivia imerso na busca incansável para identificar-se numa pretensa origem ou na insanidade de querer alcançar um estado de harmonia e perfeição.

É preciso desintoxicar! Desintoxicar o corpo do movimento e do gesto construído, modelado e, portanto conciliador. Devemos abandonar a representação ou a interpretação de sentimentos, imagens e mesmo fatos que por sua complexidade se tornam impossíveis da codificação sem serem traídos.

José Saramago, em sua obra *O Homem Duplicado* nos aponta o duplo da traição contido no gesto:

O gesto que Tertuliano Máximo Afonso lhe enviou meio disfarçadamente do outro lado da mesa significava que agradecia a mensagem, porém, ao mesmo tempo, algo que ia junto e que na falta de um termo melhor, designaremos por subgesto, recordava-lhe que o episódio do corredor não fora de todo esquecido. Por outras palavras, ao passo que o gesto principal se mostrava abertamente conciliador, dizendo, O que lá vai, lá vai, o subgesto, de pé atrás, matizava, Sim, mas não tudo (2010, p. 41).

Ainda Saramago, na mesma página:

... a verdade inteira, se realmente a quisermos conhecer, se não nos contentarmos com as letras gordas da comunicação, reclama que estejamos atentos à cintilação múltipla dos subgestos que vão atrás do gesto como a poeira cósmica vai atrás da cauda do cometa, porque esses subgestos, para recorremos a uma comparação ao alcance de todas as idades e compreensões, são como letrinhas pequenas do contrato, que dão trabalho a decifrar, mas estão lá (2010, p. 41).

Com esta distinção do gesto e do subgesto, Saramago nos trás uma questão importante para nosso dilema. Há um gesto principal que concilia, mas há também os subgestos que contradizem e que nos denunciam. Isso significa que, apesar de todas as restrições que impomos ao nosso corpo, ele, felizmente nunca deixou de nos contradizer e de trair nossa ilusão de verdade.

O corpo é um mistério e uma incógnita que quer problematizar. É a própria condição do acontecimento e da alteridade. Não se estabelece a priori, não consegue ocultar e está sempre exposto ao risco. Em cada movimento que aparece no corpo há sempre uma latência capaz de denunciar suas mentiras. Jean-Yves Leloup chegou mesmo a dizer que o corpo não perdoa:

Podemos perdoar alguém com a mente. Como disse Platão, aquele que tudo compreende tudo perdoa. Podemos perdoar com o coração, sinceramente, e nos reconciliaremos depois de termos cumprido os atos de justiça concernentes. Mas o corpo é, frequentemente, o último que perdoa. Sua memória é sempre muito viva. E nossa reação, diante de tal ou qual pessoa que nós perdoamos com nossa mente ou com o nosso coração, trai a não-confiança estabelecida em nosso corpo (2008, p.15).

Considero que é necessário o corpo se despir da narrativa hegemônica e do carma ocidental da seriedade e da sisudez. Essa é a condição possível para elevá-lo à dimensão do lúdico onde o que importa é simplesmente jogar, arriscar e aceitar ganhar ou perder. É preciso banalizar o ideal da presença moderna que nos iludiu para uma busca insana de conquista de uma harmonia existencial e corporal. O corpo, como bem assinalou Klauss Vianna, é um incoerente coerente. É o lugar privilegiado da manifestação das relações que o homem estabelece, mas é, também, o lugar da revelação das dimensões perdidas de tantas memórias encarnadas. Portanto é a própria síntese de nossas memórias, conflitos e diferenças atuais e históricas.

Concordando com o professor Sérgio Andrade<sup>1</sup>, chego também ao paradoxo que nos indica que para garantir hoje a dança é preciso traí-la.

---

1 Sérgio Pereira Andrade é professor assistente do Departamento de Arte Corporal da EEFD-UFRI. É pesquisador do Núcleo de Estudos em Ética e Desconstrução da PUC-Rio (NEED), Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal da Bahia e mestrando em Filosofia na PUC-Rio.

Assim, entendo que não nos cabe mais discutir, conceituar, negar, traçar metas, ou mesmo “rever a nossa relação” com a dança. Precisamos nos desestabilizar e permitir que nosso corpo se supere e nos leve ao devir da dança.

Despeço-me, por tudo isso, do exercício intelectual e crítico da chamada dança contemporânea, pois já não me estimula. Espero que ela me desculpe e me perdoe esta traição. Não se trata de um adeus, mas sim de um até breve!

### **Referências Bibliográficas:**

LELOUP, Jean-Yves. **O corpo e seus símbolos, uma antropologia essencial**, 15ª Ed. Vozes, Petrópolis, Rio de Janeiro, 2008.

SARAMAGO, José. **O homem duplicado**, Companhia de Bolso, São Paulo, 2010.